

A CULPABILIZAÇÃO DE MÃES DE AUTISTAS AO LONGO DAS DÉCADAS DE 1940 A 1960

THE BLAMING OF AUTISTIC CHILDREN'S MOTHERS FROM THE 1940'S TO THE 1960'S

Bruna Alves Lopes¹

Endereço Profissional: Av. General Carlos Calvancanti, 4748, Uvaranas,
Cep.: 84030-9000
Ponta Grossa – PR, Brasil
E-mail: bruna.hist.uepg@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como proposta analisar o processo de culpabilização das mães de autistas ao longo das décadas de 1940 a 1960. Para tal, utilizamos como fonte duas obras centrais na história do autismo, a saber: *Autistic disturbances of affective contact*, publicada em 1943, de autoria do psiquiatra Leo Kanner e o livro *A Fortaleza Vazia*, lançado em 1967 nos Estados Unidos e escrito pelo psicanalista Bruno Bettelheim.

Palavras-chave: autismo; maternidade; culpa.

Abstract: This present article aims to analyze the process of blaming autistic children's mothers from the 1940's to the 1960's. In order to achieve this, we use as source two central works in the history of autism, these two sources are "Autistic disturbances of affective contact", published in 1943, by psychoanalyst Leo Kanner and "The Empty Fortress: Infantile autism and the birth of the self", released in 1967 in the United States and written by psychoanalyst Bruno Bettelheim.

Keywords: autism; motherhood; blame.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser definido como um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades na área da comunicação, na sociabilidade e na presença de comportamentos cujo padrão é restritivo e repetitivo². O termo espectro é utilizado para enfatizar que, apesar da presença dos sinais acima apresentados, cada pessoa diagnosticada com autismo manifestará de forma distinta as características do TEA; o que fez com que o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM), na versão publicada em 2013 (DSM-V), dividisse o TEA nas categorias leve, moderado e severo.

¹ Professora colaboradora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Graduada em Licenciatura em História, mestre e doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do conselho profissional da Onda-autismo (Organização Neurodiversa pelos direitos dos autistas). Realiza pesquisas sobre história do autismo, ativismo materno, deficiência e infância.

² JOSEPH, Lisa; SOORYA, Latha; THURM, Audrey. *Transtorno do espectro autista*. São Paulo: Hogrefe, 2016 (114).

Além dessa definição médica, não podemos ignorar que o autismo é um conceito disputado por inúmeros sujeitos, entre eles os próprios autistas que, por sua vez, tendem a defini-lo como uma manifestação da diferença (tais quais as questões étnicas e raciais, de gênero, sexualidade, a surdez, etc.) e não um desvio de um padrão de normalidade³. Nas palavras de Ortega: “para eles [autistas que apresentam a forma mais branda do TEA e defensores da neurodiversidade], o autismo não é uma doença, mas uma parte constitutiva do que eles são”⁴. Sendo um elemento da identidade, a diferença representada pelo autismo deve ser respeitada e não patologizada.

Se, em linhas gerais, as definições acima apresentadas expressam o contexto político e acadêmico da atual definição do conceito de autismo, precisamos recordar que houve um longo percurso para o reconhecimento do fenômeno, em termos cerebrais, e para que o debate pró-cura *versus* aceitação da diferença fosse possível.

Luciana Brites e Clay Brites nos informam que ao longo da história do autismo ocorreram várias tentativas de explicação das suas possíveis causas, assim como quais seriam as intervenções mais adequadas. Entre as teorias que ofertaram respostas para as questões envolvendo a temática estão: “a psicanalítica, a de comportamento operante, a neuropsicológica, a neurofisiológica, a de coerência central, a cognitiva e a relacionada à teoria da mente”⁵. Tal variedade explicativa também gerou uma diversidade de nomenclaturas “autismo infantil precoce, autismo infantil, criança atípica, psicose infantil precoce”⁶, entre outras.

Ao longo das décadas de 1940 a 1960 predominou na literatura acadêmica sobre o assunto a perspectiva psicanalítica. Resguardadas as devidas distinções existentes nos autores adeptos de tal abordagem⁷, no geral defendia-se que:

[...] autismo era uma condição resultante da inadequada relação afetivo-emocional entre a mãe e o futuro bebê gerado pela ruptura precoce da ilusão de continuidade entre eles, levando a um desmantelamento e a uma angústia de aniquilamento⁸.

Tal processo, associado com a ausência de ferramentas por parte da criança para gerenciar tal situação, teria como resposta, por parte desta, o rompimento dos vínculos mentais com os demais; em outras palavras, a criança optaria pelo isolamento.

³ ORTEGA, Francisco. O sujeito Cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008.

⁴ ORTEGA, Francisco. O sujeito Cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Op. cit.*, p. 477.

⁵ BRITES, Luciana; BRITES, Clay. *Mentes Únicas*. São Paulo: Editora Gente, 2019 (191). p. 31.

⁶ *Ibidem*, p. 29.

⁷ Sobre o tema verificar: CAVALCANTI, Ana Elisabeth; ROCHA, Paulina. *Autismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

⁸ BRITES, Luciana; BRITES, Clay. *Mentes Únicas*. *Op. cit.*, p. 31.

Tais explicações colaboraram para colocar as mães no centro do debate, inserindo-as compulsoriamente na categoria das “mães más”. Tendo em vista tais questões, este artigo tem como objetivo discutir o processo de formação dos discursos que relacionaram o autismo como resultante de uma suposta relação mãe-filho inadequada, gerando todo um processo de culpabilização das mães. Para tal, analisamos duas obras que foram fundamentais para a articulação autismo, maternidade e culpa: a primeira trata-se do artigo inaugural de Leo Kanner, intitulado *Autistic disturbances of affective contact*, publicado em 1943; também utilizaremos como fonte o livro *A Fortaleza Vazia*, escrito pelo psicanalista Bruno Bettelheim e lançado nos Estados Unidos em 1967.

Culpando as Mães

Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres americanas foram convocadas para participarem do esforço de guerra: seja assumindo o trabalho em indústrias e fábricas, seja atuando como enfermeiras, voluntárias ou em outras funções entendidas como fundamentais para o país naquele contexto. Vanessa Lamb informa que o modelo ideal do período era o da “mulher patriótica” dedicada à nação⁹.

Ao final do conflito essa imagem foi questionada e houve todo um processo de disputas e tensões acerca do lugar que as mulheres deveriam ocupar, havendo um esforço coletivo para apagar e ignorar as mudanças ocorridas naquele período. Susan Faludi usa o termo *backlash* para referir-se a esse processo em que direitos das mulheres (ou a simples possibilidade deles) são questionados e barrados, tendo o antifeminismo como pilar dessas ações¹⁰. O pós-guerra pode ser entendido como um momento de *backlash*.

Em termos ideais, predominou o modelo de família androcêntrica composta por um homem branco (bem-sucedido em seu trabalho e provedor econômico do lar), uma mulher dedicada exclusivamente ao marido e à maternidade e filhos belos e saudáveis; todos habitando uma casa ampla, com jardim, televisão e outros eletrodomésticos modernos. Betty Friedan denominou de mística feminina essa rígida divisão dos papéis sociais e a crença de que a felicidade das mulheres deveria estar no lar e em todas as atividades a ele condizentes, sendo a maternidade a principal delas¹¹.

Na tentativa de normatizar o comportamento feminino e fazer com que as mulheres acreditassem na mística feminina, houve uma intensa campanha governamental e midiática

⁹ LAMB, Vanessa. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00680821/document>. Acesso em: 9 set. 2017.

¹⁰ FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

¹¹ FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina: o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971 (325).

que, de acordo com Vanessa Lamb, teve, como um dos resultados, o aumento do número de crianças nos Estados Unidos: em 1950 eram 24,3 milhões entre 5 a 14 anos de idade, na década seguinte o número aumentou para 35,5 milhões¹².

Cabe salientarmos que não bastava ser mãe, era necessário seguir as normativas médicas imperantes nesse contexto. Badinter nos informa que no pós-Segunda Guerra Mundial inúmeros psicanalistas “[...] tornaram-se célebres traçando o retrato da boa mãe e dando conselhos às mulheres em livros escritos especialmente para elas, ou os veículos de comunicação de grande difusão”¹³, estando entre as principais referências os doutores Spock, Dolto e Winnicott. De um modo geral, as teorias psicanalíticas, ao abordarem a maternagem, defendiam no pós-guerra que a “boa-mãe” era aquela que não apenas era “absolutamente devotada” aos filhos, mas também sentia prazer nesse ato de abdicação de si em prol da criança.

Ainda que observe uma continuidade entre os discursos produzidos acerca da maternidade na segunda metade do século XVIII (representados por autores como Rousseau), a autora é enfática ao afirmar que Freud (e seus seguidores, tal qual Winnicott) acentuou tanto o papel da mãe (simbolizando amor e ternura) quanto o do pai (simbolizando a lei e a autoridade)¹⁴.

A partir da ascensão das teorias freudianas sobre o inconsciente e, posteriormente, a ascensão da psicanálise (de e com crianças), as mulheres passaram a ser responsáveis não apenas pelos cuidados e educação dos pequenos, mas também apontadas como peças fundamentais para o bom desenvolvimento emocional de sua prole¹⁵.

No que diz respeito aos processos de adoecimento psíquico, houve uma tradição em atribuir à família o surgimento de patologias emocionais, atribuindo, nesse processo, uma maior ênfase à figura materna. Termos como “mãe-esquizofrênica”, elaborado por Frida Reichmann em 1948, “mãe perversa”, criado por John Rosen em 1951¹⁶ e, no que diz respeito ao nosso trabalho, “mãe-geladeira”, de 1949, expressam a afirmativa anterior.

Assim, tais teorias colaboraram não apenas para aumentar as responsabilidades das mulheres em relação aos seus filhos, mas também como um importante pilar para legitimar os discursos em defesa da mística feminina, uma vez que, de acordo com Susan Faludi, o

¹² LAMB, Vanessa. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00680821/document>. Acesso em: 9 set. 2017.

¹³ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 (370). p. 310.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Op. cit.; FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999 (316); COLKER, Ruth. Disponível em: <http://moritzlaw.osu.edu/sites/colker2/files/2015/05/COLKER.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

¹⁶ ROSA, Lúcia C. dos Santos. *Transtorno mental e o cuidado na família*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

sucesso do *backlash* está na sua capacidade de, sendo um discurso político, afirmar-se enquanto neutro, o que torna fundamental a presença e a divulgação de trabalhos acadêmicos que estejam alinhados com a perspectiva conservadora¹⁷.

No que diz respeito à maternidade, a dicotomia entre “mãe boa” *versus* “mãe má” ganha destaque. Gardou, ao analisar essas imagens coletivas, nos informa que a primeira estaria relacionada com atitudes como intuição, devoção, discrição e afetuosidade em relação aos filhos, capacidade em lhes proporcionar um crescimento feliz que geraria, por sua vez, um adulto saudável do ponto de vista emocional e satisfeito com a vida. A “mãe má” representa o oposto: suas atitudes seriam marcadas pelo abuso, castração, rigidez, frivolidade que, como consequência, geraria crianças e adultos com problemas emocionais¹⁸.

Para “orientar” as mães a serem “boas” surgem, principalmente a partir da década de 1950, obras que Silvana Darré chamou de pedagogias maternas (*pedagogías maternas*), que tinham como proposta normatizar a experiência de ser mãe tornando os médicos figuras centrais que, a partir de seus conhecimentos, poderiam orientar as mães a como criar adequadamente seus filhos. O receio de não desempenhar adequadamente o ofício de mãe tornou a maternidade um verdadeiro “convite ao pânico” (*invitación al pánico*)¹⁹, principalmente a partir da década de 1950²⁰.

Tendo em vista que nem todas as mulheres abdicaram de seus trabalhos remunerados fora de casa para dedicar-se exclusivamente ao lar²¹, a introjeção de culpa naquelas que não queriam ou não podiam enquadrar-se no modelo de maternidade apregoado foi uma constante desse período, tornando-a uma tradição cultural²² e um elemento significativo no modo como as mulheres do período vivenciaram a experiência de ser mães.

¹⁷ FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. *Op. cit.*

¹⁸ GARDOU, Charles. *Vivre malgré et avec le handicap de son enfant*. In : _____ (org.). *Parents d'enfant handicapé: le handicap en visages*. Toulouse: Érès, 2015, p. 11-32.

¹⁹ O termo “convite ao pânico” foi elaborado pelo psiquiatra Leo Kanner e apresentado no livro *Em defesa das mães*, publicado em 1941, em que ironizava os inúmeros conselhos ofertados aos familiares pelos especialistas infantis que, ao invés de colaborarem no cuidado dos pais em relação as crianças, retirava deles a confiança no exercício das suas funções. Na perspectiva de Silvana Darré, a expressão revela o espírito da época sobre a relação discurso médico e maternidade compulsória ao longo dos anos 1950 e 1960, por isso adotada pela autora. Ver: ARAPI. Disponível em: http://www.cra-rhone-alpes.org/cid/opac_css/index.php?lvl=bulletin_display&id=1465. Acesso em: 28 jun. 2017; DARRÉ, Silvana. *Maternidad y tecnologías de género*. Buenos Aires: Katzeditores, 2013 (226).

²⁰ DARRÉ, Silvana. *Maternidad y tecnologías de género*. *Op. cit.*

²¹ De acordo com Susan Faludi e Vanessa Lamb, mesmo com as demissões ocorridas ao final da Segunda Guerra, o mais adequado seria falar que elas foram realocadas para postos de trabalhos considerados mais “femininos” e, portanto, com menor remuneração. Ver: FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. *Op. cit.*; LAMB, Vanessa. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00680821/document>. Acesso em: 9 set. 2017.

²² COLKER, Ruth. Disponível em: <http://moritzlaw.osu.edu/sites/colker2/files/2015/05/COLKER.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

No caso de mães de pessoas com deficiências ou transtornos mentais, em que as teorias psicogenéticas estabeleceram uma relação causal com os vínculos maternos²³, a culpa enquanto um fenômeno social e cultural²⁴ foi vivenciada com maior intensidade. É o caso das mães cujos filhos foram diagnosticados com autismo.

O autismo por Leo Kanner e Bruno Bettelheim

A psiquiatria infantil enquanto uma disciplina autônoma, com conceitos e métodos próprios, data da década de 1930, tendo a psicanálise e seus estudos acerca da criança e seu desenvolvimento uma grande influência no nascimento da chamada clínica pedopsiquiátrica²⁵.

Leo Kanner foi um dos primeiros psiquiatras a dedicar-se ao estudo das crianças e os problemas que as afetavam, tendo, inclusive, colaborado para a criação (na década de 1930) do primeiro serviço psiquiátrico de atendimento infantil nos EUA²⁶, além de ser um dos principais nomes da história do autismo. Nesse sentido, é importante frisarmos que o autismo enquanto objeto de estudo da psiquiatria surge nesse contexto de ascensão da psicanálise enquanto teoria capaz de explicar e oferecer respostas às questões sociais e, ao mesmo tempo, de tentativa de confinar as mulheres à tríade esposa/mãe/dona-de-casa, tendo a imprensa como um dos instrumentos de propagação de tais ideais e a psicanálise como embasamento teórico²⁷.

A primeira vez que o autismo foi apresentado à comunidade acadêmica como uma categoria diagnóstica diferenciada foi em 1943, quando Leo Kanner apresentou, na revista *The Nervous Child*, um artigo em que divulgava sua análise de 11 crianças que, em sua perspectiva, apresentavam comportamentos que se distinguiam daqueles condizentes com as categorias médicas estudadas na época ('retardo' e esquizofrenia, por exemplo)²⁸. A essa nova entidade nosográfica Kanner deu o nome de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo.

Em *Autistic disturbances of affective contact*, descreveu que as crianças tinham em comum uma dificuldade no relacionamento com outras pessoas (incluindo membros da

²³ GARDOU, Charles. *Vivre malgré et avec le handicap de son enfant*. *Op. cit.*

²⁴ COLKER, Ruth. Disponível em: <http://moritzlaw.osu.edu/sites/colker2/files/2015/05/COLKER.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019; FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. *Op. cit.*

²⁵ CIRINO, Oscar. *Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001 (152).

²⁶ Disponível em: http://www.cra-rhone-alpes.org/cid/opac_css/index.php?lvl=bulletin_display&id=1465. Acesso em: 28 jun. 2017.

²⁷ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. *Op. cit.*; FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina: o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas*. *Op. cit.*; LAMB, Vanessa. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00680821/document>. Acesso em: 9 set. 2017.

²⁸ BRITES, Luciana; BRITES, Clay. *Mentes Únicas*. *Op. cit.*

família), optavam pelo isolamento e não estabeleciam vínculos afetivos, eram crianças muito apegadas a rotinas, possuíam comportamentos repetitivos, além de apresentarem alterações na linguagem²⁹. Ao observar esse conjunto de sintomas, o psiquiatra defendeu que o autismo era inato, mas não deixou de destacar o possível papel da família, ainda que com influência secundária, em relação ao desencadeamento do quadro.

Na apresentação do perfil das famílias das crianças por ele estudadas, Kanner descreveu-as enquanto pessoas ‘inteligentes’, ‘obsessivas’ e ‘pouco amorosas’, que se dedicavam mais a assuntos de ordem acadêmica que às relações interpessoais. Estas, por sua vez, eram interpretadas como marcadas pelo distanciamento emocional, mesmo entre os membros do núcleo familiar. Em suas palavras:

[a] questão, a saber, é, em que medida, este fato tem contribuído para a condição das crianças. A solidão delas desde o início da vida faz com que seja difícil atribuir o quadro inteiro exclusivamente ao tipo das primeiras relações parentais com o nosso paciente³⁰.

Ainda que nesse trabalho inaugural Leo Kanner tenha enfatizado que as questões afetivas não eram suficientes para explicar o autismo, — ou seja, o isolamento das crianças não era intencional, nem resultado de uma falha no relacionamento com seus familiares — em 1948, com a publicação do artigo *Medicine: Frosted Children* pela revista *Times*, se popularizaria a associação entre autismo e má maternidade que durou até, aproximadamente, a década de 1980 nos Estados Unidos³¹ e até meados da década de 1990 no Brasil.

A reportagem apresentou a imagem que Leo Kanner fazia das crianças autistas: belas, saudáveis, algumas com uma memória excelente, embora preferissem o isolamento à companhia de outras pessoas. A revista enfatizou o perfil familiar elaborado pelo psiquiatra, atribuindo ênfase ao alto nível de escolaridade, mesmo entre as mulheres. Uma fala de Kanner, mencionada ao longo da entrevista, tornou-se muito conhecida por várias gerações de mães, pois contribuiu para criar, durante décadas, uma visão preconceituosa e caricaturada em relação as mães de autistas. Segue o texto: “As crianças, nos diz o Dr. Kanner, ‘foram mantidas em uma geladeira que não descongela’”³².

²⁹ KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child, Pathology*, v. 2, p. 217-250, 1943.

³⁰ *Ibidem*, p. 250.

³¹ Donvan e Zucker argumentam que apenas após essa ênfase na figura materna é que psiquiatras começaram a dedicar-se ao autismo, o que demonstra que valores morais podem afetar não apenas na forma como uma pesquisa é desenvolvida, mas também no interesse por um determinado objeto de análise. Ver: DONVAN, John; ZUCKER, Caren. *Outra sintonia: a história do autismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 (659).

³² No original, em inglês: *The children, says Dr. Kanner, were "kept neatly in a refrigerator which didn't defrost"*. Ver: TIMES. *Medicine: Frosted Children*. 26 de Abril. 1948. s/p.

Apesar de a matéria mostrar um Leo Kanner reticente a atribuir o autismo ao comportamento materno, a frase acima foi o suficiente para a elaboração do termo que, durante décadas, foi associado às mães de crianças autistas: mãe-geladeira (*refrigerator mothers*). A partir de então, a imagem pública atribuída a essas mulheres era de que se tratavam de mães frias e pouco amorosas com seus filhos³³. Desta feita, Leo Kanner contribuiu tanto para a construção de um novo campo de estudos e atuação referentes ao psiquismo humano (o autismo) como para a emergência de um estigma que durante décadas perseguiu – e infelizmente ainda persegue – as mães de crianças diagnosticadas com autismo³⁴.

Mesmo que Kanner acreditasse que o surgimento do autismo era anterior ao aparecimento dos sintomas, sendo portanto inato³⁵, ao levantar a possibilidade relacional como um dos elementos de explicação do fenômeno, seus argumentos estavam de acordo com os preceitos que norteavam a psiquiatria daquele momento: influenciada (tanto teórica quanto na prática clínica) pelas teorias psicanalíticas que, por sua vez, compreendiam que os relacionamentos da criança, em especial aquele entre mãe e filho estabelecido desde a tenra idade, seriam fundamentais para o comportamento e as relações que a criança estabeleceria com os outros no futuro³⁶.

A descrição daquilo que compreendeu como sendo a dinâmica das relações familiares e as características de seus membros, veio ao encontro de uma sociedade cujo pilar era a família androcêntrica que, por sua vez, tinha na maternidade compulsória e normatizada pelo discurso médico uma de suas principais bases. Foi nessa sociedade, marcada pelo “convite ao pânico”, que o autismo – enquanto um quadro diagnóstico novo e que supostamente teria relação com um exercício inadequado da maternidade – foi apresentado para os especialistas em saúde infantil e para o público em geral.

Seguindo o caminho aberto por Leo Kanner, mas radicalizando e questionando seus posicionamentos, outro nome importante na história do autismo foi o psicanalista Bruno Bettelheim. Prisioneiro nos campos de Dachau e de Buchenwald, entre os anos 1938 e 1939³⁷ e intelectual vinculado à psicanálise freudiana: dois elementos que colaboraram para criar a

³³ DONVAN, John; ZUCKER, Caren. *Outra sintonia: a história do autismo*. *Op. cit.*

³⁴ DARRÉ, Silvana. *Maternidad y tecnologías de género*. *Op. cit.*; DONVAN, John; ZUCKER, Caren. *Outra sintonia: a história do autismo*. *Op. cit.*; LIMA, Rossano Cabral. A construção histórica do autismo (1943-1983). *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 109-123, 2014.

³⁵ GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010 (230); BORGES, Adriana Araújo Pereira; WERNER, Andréa. Em busca do tempo perdido: a reviravolta das mães de autistas. In: BORGES, Adriana Araújo Pereira; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães (orgs). *O aluno com autismo na escola*. Campinas: Mercado de letras, 2018, p. 13-31.

³⁶ GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. *Op. cit.*; LIMA, Rossano Cabral. A construção histórica do autismo (1943-1983). *Op. cit.*

³⁷ POLLAK, Richard. *Bruno Bettelheim ou la fabrication d'un mythe: une biographie*. Paris: Le Seuil, 2003 (526).

imagem pública deste como uma voz a ser ouvida. Cabe frisarmos que a “autoridade” de Bettelheim não pode ser dissociada, nem das feridas ainda latentes da Segunda Guerra Mundial, nem da ascensão da psicanálise como teoria capaz de oferecer explicações para os problemas que afligiam o coletivo naquele contexto.

Assim, Bettelheim propunha reflexões sobre os processos de desumanização aos quais as pessoas poderiam ser submetidas, articulando suas experiências com suas leituras de Freud. O autismo, conforme defendeu, era uma experiência extrema comparável a experiência em um campo de concentração.

Embora escrevesse sobre o assunto desde a década de 1950, foi em 1967, com a publicação do livro *A Fortaleza Vazia*, que Bettelheim adquiriu notoriedade e o reconhecimento internacional enquanto um dos mais respeitados especialistas em autismo³⁸. A obra tornou-se um verdadeiro *best-seller* e seu autor uma figura conhecida e presença constantemente nos meios de comunicação, devido ao interesse do público acerca de suas ideias³⁹.

No livro mencionado, o psicanalista apresentou três estudos de caso (Laurie, Marcia e Joy) e, com base neles, defendeu a tese de que o autismo seria uma patologia de ordem emocional em que a criança (por não se sentir amparada e acolhida por aqueles que com ela convivem) optaria por habitar uma “fortaleza vazia” e entregar-se a um estado de não existência. Ainda que falasse em relações familiares, observamos um realce em relação à figura materna, com direito a um tópico, “A Mãe no Autismo Infantil”, em que o autor deixa clara a tese de seu trabalho:

Gostaria de fazer mais uma digressão, pois a razão pela qual começamos por imputar o colapso de Laurie à ambivalência das figuras maternas parece ter importância teórica considerável, sobretudo pelo fato de, na literatura, as atitudes da mãe serem consideradas como fator etiológico do autismo infantil.

Ao longo deste livro mantenho minha convicção de que, em autismo infantil, o agente precipitador é o desejo de um dos pais de que o filho não existisse⁴⁰.

Ao expor os casos analisados e o que considerava como características familiares, o psicanalista contribuía para inserir as mães no centro do debate e, a partir delas, estabelecer uma normativa sobre o que seria o exercício de uma “boa maternidade”. Ao abordar o caso Laurie, por exemplo, Bruno Bettelheim defendia que o distanciamento emocional entre a

³⁸ GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. *Op. cit.*; DONVAN, John; ZUCKER, Caren. *Outra sintonia: a história do autismo*. *Op. cit.*; SILVERMAN, Chloe. *From disorders of affect to mindblindness: framing the history of autism spectrum disorders*. Cleveland, Ohio: Autism and Representation, Case Western Reserve Univ, 2005.

³⁹ SILVERMAN, Chloe. *From disorders of affect to mindblindness: framing the history of autism spectrum disorders*. *Op. cit.*

⁴⁰ BETTELHEIM, Bruno. *A fortaleza vazia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987 (503). p. 137.

mãe e a filha poderia ser observado nos seguintes comportamentos: voltar a trabalhar, mesmo a criança tendo apenas seis meses de idade e deixando-a aos cuidados do que definiu como “babás indiferentes”; na postura “bastante senhora de si, exageradamente senhora de si”, além de ser “[...] uma pessoa narcisista, que provavelmente se debatia para manter um tênue vínculo com a realidade”⁴¹.

Conforme observou Grinker, quando os pais diziam que, inicialmente, “[...] não queriam filhos, ou que dividiam-se entre a vida profissional e doméstica, Bettelheim supunha que eram mentalmente perturbados”⁴². Como dito anteriormente, o *backlash* obtém sucesso quando consegue camuflar a dimensão política de seu discurso; outro ponto importante do contra-ataque é o mito de que as mulheres que não se enquadram no padrão de normalidade apregoado, em especial as feministas ou aquelas assim consideradas, não se preocupam com as crianças⁴³. Ainda que algumas das principais pautas do feminismo (em especial da década de 1960) estivessem diretamente ligadas à preocupação das mulheres em relação aos cuidados das crianças — como por exemplo, a demanda por creches e outras formas de assistência para crianças⁴⁴ — para a mística feminina, a mulher com trabalho remunerado fora do ambiente doméstico, além de masculinizada e egoísta, ao exercer a maternidade, a vivenciava de forma inadequada, sendo um agente patologizador: primeiro da sua casa, posteriormente do restante da coletividade. Ao usar a preocupação com a criança, combatia-se os avanços e reivindicações femininas.

Na perspectiva de Bettelheim, tendo em vista que o lar era considerado um ambiente adoecedor, a terapia indicada para o autismo consistia em institucionalizá-la na Escola Ortogênica de Chicago, espaço em que o psicanalista colocou em prática suas propostas. Uma das principais medidas tomadas pela instituição era a proibição de visitas das mães e dos pais às crianças, livrando-as de todos os prejuízos causados pela família adoecida.⁴⁵ Paralelamente, os familiares também faziam um trabalho terapêutico para assumirem que, em algum momento, rejeitaram o filho⁴⁶.

⁴¹ BETTELHEIM, Bruno. *A fortaleza vazia*. *Op. cit.*, p. 109.

⁴² GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. *Op. cit.*, p. 93.

⁴³ FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. *Op. cit.*

⁴⁴ LAMB, Vanessa. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00680821/document>. Acesso em: 9 set. 2017.

⁴⁵ A institucionalização de crianças foi uma prática comum ao longo do século XX. Donovan e Zucker nos informam que no século XX médicos aconselhavam os pais a institucionalizarem as crianças com “problemas emocionais”. Além disso, a deficiência era um elemento que trazia vergonha à família, sendo um elemento que colaborou para que muitos recorressem às instituições como forma de ajudar a criança quando possível, mas também de não sofrerem com a vergonha em ter um filho que fugia dos padrões de normalidade. No caso do autismo, a percepção de que a criança era uma vítima de uma família, em especial mãe, adoecida, retirá-la do contexto adoecido seria uma das principais estratégias terapêuticas. Ver: DONVAN, John; ZUCKER, Caren. *Outra sintonia: a história do autismo*. *Op. cit.*

⁴⁶ GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. *Op. cit.*; DONVAN, John; ZUCKER, Caren. *Outra sintonia: a história do autismo*. *Op. cit.*; BORGES, Adriana Araújo Pereira; WERNER, Andréa. Em busca do tempo perdido: a reviravolta das mães de autistas. *Op. cit.*

Desta feita, Bettelheim não apenas se apropriou das imagens elaboradas anteriormente acerca das mães, ajudando a torna-las ainda mais populares, uma vez que seu livro teve alcance internacional, mas também colaborou para sofisticar tal caracterização das mães. Numa das descrições mais intensas sobre a relação maternidade e autismo, o autor comparou as mães de crianças autistas com guardas da SS: a diferença entre estes e elas estaria no fato de que estas últimas chegam primeiro na vida das crianças, num momento em que elas são emocionalmente frágeis e vulneráveis e não possuem uma condição psíquica que as possibilitem acreditar que vale a pena viver⁴⁷.

Ao refletir sobre os aspectos que levaram a grande recepção do livro de Bruno Bettelheim, Chloe Silverman argumentou que, além de estar inserido na longa tradição dos manuais pedagógicos da boa maternidade, o livro reforçava alguns valores caros naquele momento nos Estados Unidos e em outras partes do mundo como, por exemplo, a constatação da vulnerabilidade humana e sua capacidade de constante transformação, a importância do cuidado (sobretudo materno) e o terapeuta enquanto uma figura detentora de conhecimento e, não raro, compaixão⁴⁸. Bruno Bettelheim conseguiu agregar para si tal imagem.

Silverman argumenta que Bruno Bettelheim não foi o primeiro nem o último a enfatizar o papel da mãe no desenvolvimento da criança e a expressar um discurso sexista revestido com bases científicas⁴⁹. Nas palavras da autora:

O autismo tornou-se uma metáfora para as ansiedades americanas sobre criação de filhos e vínculos, sobre a mudança dos papéis das mulheres e sobre o poder formativo do amor e a imagem convincente da criança autista como um exemplo de desenvolvimento interrompido – um apelo visível na contínua pesquisa realizada no autismo como um modelo de desenvolvimento e comportamental ao longo do século XX. Apesar de sua negação de que o tratamento não era totalmente bem-sucedido para todos os pacientes, Bettelheim parecia oferecer uma série de histórias de salvação; uma promessa de cura para o que anteriormente era intratável.⁵⁰ (tradução nossa).

⁴⁷ BETTELHEIM, Bruno. *A fortaleza vazia*. *Op. cit.*

⁴⁸ SILVERMAN, Chloe. *From disorders of affect to mindblindness: framing the history of autism spectrum disorders*. *Op. cit.*

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ “Autism became a metaphor for American anxieties about childrearing and bonding, about changing women's roles and about the formative power of love and the compelling image of the autistic child as an exemplar of halted development – an appeal visible in the continuing research carried out on autism as a developmental and behavioral model throughout the twentieth century. Despite his disclaimer that treatment was not fully successful for all of the patients, Bettelheim seemed to offer a series of salvation stories; a promise of a cure for the previously untreatable”. SILVERMAN, Chloe. *From disorders of affect to mindblindness: framing the history of autism spectrum disorders*. *Op. cit.*, s/p.

O ideário do pós-guerra referente ao papel da criança (valorizada como futuro da nação) e da mulher (refletida no ideal de boa mãe e dona de casa) favorecia explicações como as ofertadas por Bruno Bettelheim. Ao defender que o autismo teria cura, Bettelheim se alinhava aos discursos que ofereciam “chance para o sujeito”⁵¹. E ao se associar e sofisticar a teoria da mãe-geladeira, o psicanalista dispunha a determinados grupos ferramentas para justificarem a suposta pertinência da divisão sexual do trabalho, num contexto em que as mulheres buscavam romper com a maternidade compulsória e com o modelo da “dona de casa perfeita”.

Se a propaganda vinculada em revistas, jornais, televisão, cinema, entre outras mídias, não era capaz de convencer as mulheres a dedicarem-se exclusivamente ao lar e aos filhos,⁵² o discurso acadêmico (aqui representado em Bruno Bettelheim), por meio do instrumento culpa, demonstrava os “malefícios sociais” produzidos por mulheres que, conscientemente ou não, negavam a maternidade.

O sucesso de Bettelheim está associado ao *backlash* do período em que atuou e da necessidade da mídia conservadora em respaldar-se em nomes vinculados ao saber acadêmico que embasassem seus discursos contra a “liberação” feminina e instigassem nas mulheres medo e culpa por romperem a normativa vigente, ao mesmo tempo em que colaborasse, ainda que nas entrelinhas, para a perpetuação da ideia de que os ideais feministas, quando colocados em prática, desestruturavam a família⁵³ e adoeciam crianças.

Das diferenças entre Bruno Bettelheim e Leo Kanner

O autismo descrito por Leo Kanner não é o mesmo de Bruno Bettelheim. Embora ambos estivessem num contexto de criação da culpa como um fenômeno relacionado à maternidade, há algumas diferenças teóricas e de postura entre os dois pesquisadores que merecem destaque.

A primeira diferenciação está na etiologia do autismo: ainda que tenha argumentado que as relações familiares das crianças por ele analisadas fossem caracterizadas pela ausência de afeto, desde *Autistic disturbances of affective contact*, Leo Kanner argumentou que o autismo era uma síndrome comportamental única com uma predisposição genética; já Bettelheim alegava que se tratava de uma patologia psicológica em que, na base, estava uma família doente. Bruno Bettelheim, em *A Fortaleza Vazia*, ratificou que, ainda que

⁵¹ BETTELHEIM, Bruno. *A fortaleza vazia*. Op. cit.

⁵² LAMB, Vanessa. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-00680821/document>. Acesso em: 9 set. 2017.

⁵³ FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Op. cit.

houvessem questões de ordem genética que explicassem parte do quadro, ele defendia a primazia dos fatores psicológicos na explicação do autismo.

N' *A Fortaleza Vazia*, Bruno Bettelheim inclusive faz críticas a Leo Kanner, por este não ter abordado em seus estudos a questão das experiências emocionais extremas nem as ter apontado como hipótese para o surgimento do autismo. A principal crítica a Kanner era por não considerar com a devida ênfase as explicações psicanalíticas em voga na época:

Infelizmente, por Kanner concluir ser esse distúrbio inato, não chegou a levantar a questão que, especialmente a partir de Freud, consideramos essencial para a compreensão de uma conduta psicológica, a saber: Por que se comportará uma pessoa de uma determinada maneira e não de outra? Essa questão não pode ser evitada, a menos que presumamos que o comportamento é assumido sem que a pessoa tenha uma oportunidade de opção no assunto, como nos movimentos espasmódicos de um paraplégico. Mas se não conseguimos levantar essa questão, não conseguiremos compreender a motivação da pessoa e somos facilmente tentados a imputar qualquer anomalia inerente o que obviamente não faz sentido em termos de conduta convencional.⁵⁴

Outra discordância entre os pesquisadores diz respeito ao momento do surgimento do autismo: Kanner argumentava que o fenômeno surgia já nos primeiros dias de vida e defendia que as crianças autistas nunca estabeleciam uma interação social considerada normal, uma vez que possuíam uma dificuldade inata em estabelecer o contato afetivo; Bettelheim dizia que o isolamento da criança surgia depois que as suas tentativas em estabelecer uma aproximação eram frustradas.

No que diz respeito à relação autismo e maternidade, Roy Grinker argumentou que, embora Leo Kanner tenha sofrido pressões por parte de seus colegas psicanalistas, continuou defendendo o caráter inato do autismo.⁵⁵ Além disso, apesar de ter descrito os pais das crianças por ele analisadas como pouco afetivos, argumentava que “[...] era a genética que determinava que os pais apresentassem tal característica”.⁵⁶ Enquanto para Bruno Bettelheim, o fato dos pais e das mães terem também problemas emocionais apenas representava mais um indício de que eram maus no exercício de sua paternidade e maternidade.

Neste ponto, retornamos à discussão sobre a “cultura da culpa da mãe”⁵⁷, que é vivenciada pelas mulheres desde a descoberta da gravidez e é acentuada em casos em que a

⁵⁴ BETTELHEIM, Bruno. *A fortaleza vazia*. *Op. cit.*, p. 417.

⁵⁵ O autor nos informa que, anos mais tarde, mais especificamente na década de 1960, Kanner pediu desculpas aos familiares por suas ideias terem colaborado para estigmatizar inúmeras mães. Ver: GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. *Op. cit.*

⁵⁶ GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. *Op. cit.*, p. 81.

⁵⁷ FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modelo e reprime as mães*. *Op. cit.*; COLKER, Ruth. Disponível em: <http://moritzlaw.osu.edu/sites/colker2/files/2015/05/COLKER.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

criança nasce com alguma deficiência, transtorno ou síndrome. A partir do momento em que descobrem que estão gestando tem início um intenso processo de regulamentação do corpo feminino: há um controle sobre o que a mulher come e bebe, questionamentos acerca da escolha do tipo do parto e sua postura no período pós-parto e, posteriormente, em todo o processo de educação das crianças. O comportamento da mulher/mãe é constantemente esquadrihado e julgado, sendo a mesma sempre vista com desconfiança: seja pelo Estado, pelo saber acadêmico, pelas pessoas de seu convívio e, não raro, por elas mesmas⁵⁸.

Nesse sentido, Douglas argumenta que “mães do autismo” (em especial o termo mãe-geladeira) é uma expressão do controle paternalista em relação à maternidade, embasado no discurso acadêmico que, por sua vez, colaborou na criação da dicotomia “mãe boa” *versus* “mãe má”. As mães de autistas são uma das inúmeras categorias entre as “mães ruins” ou “inadequadas”. A autora defende também que o processo de culpabilização das mães pelo autismo de seus filhos não pode ser adequadamente compreendido fora da história ocidental e do lugar nela destinado à mulher e à mãe, principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial, em que houve todo um discurso tentando reduzir a feminilidade à maternidade compulsória⁵⁹.

Ruth Colker argumenta que no processo de análise do “culpe a mãe” (*blame of mother*) é importante não obliterarmos outros marcadores sociais que se articulam nesse processo com gênero, sendo aqui importante destacar: classe, raça e deficiência. Assim, ainda que o sentimento de culpa seja culturalmente intrínseco à maternidade, este ainda é mais intenso em mães de crianças com deficiência⁶⁰.

As mães de crianças autistas, durante um longo período da história, foram caracterizadas da seguinte forma: mulheres brancas, letradas e oriundas da classe média e alta. Atualmente sabe-se que fatores econômicos, raça e etnia interferem no acesso ao diagnóstico de autismo e aos serviços adequados para esse público⁶¹, mas que não são elementos determinadores nem desencadeadores do quadro.

Outro ponto que separa Leo Kanner de Bruno Bettelheim diz respeito sobre suas posturas diante do processo de culpabilização das mães. Kanner prefaciou o livro *Infantile autism: the syndrome and its implication for a neural theory of behavior*, de autoria de

⁵⁸ FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. *Op. cit.*; DOUGLAS, Patty. Autism’s “Refrigerator Mothers”: Identity, Power, and Resistance. *Comparative Program on Health and Society – CPHS*, Munk School of Global Affairs at Trinity College, University of Toronto, Canadá, 2014; COLKER, Ruth. Disponível em: <http://moritzlaw.osu.edu/sites/colker2/files/2015/05/COLKER.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

⁵⁹ DOUGLAS, Patty. Autism’s “Refrigerator Mothers”: Identity, Power, and Resistance. *Op. cit.*

⁶⁰ COLKER, Ruth. Disponível em: <http://moritzlaw.osu.edu/sites/colker2/files/2015/05/COLKER.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

⁶¹ JOSEPH, Lisa; SOORYA, Latha; THURM, Audrey. *Transtorno do espectro autista*. *Op. cit.*

Bernard Rimland (psicólogo, pai de autista) e publicado originalmente em 1964; a obra foi uma das primeiras a defender as bases biológicas do autismo, além de ser considerada uma das primeiras “[...] reações de peso à hegemonia psicodinâmica no campo do autismo”⁶². Em outras palavras, Kanner emprestou seu prestígio para respaldar um dos principais trabalhos a criticar a associação entre autismo e relação mãe-filho. Além disso, num congresso realizado em 1969 nos Estados Unidos, por mães e pais de autistas, além de ironizar o livro de Bruno Bettelheim, chamando-o de “o livro vazio”, pediu desculpas às mães presentes na reunião por ter colaborado na construção de uma imagem negativa destas⁶³.

Já Bettelheim morreu defendendo sua tese. Apenas após o suicídio, em 1990, sua imagem enquanto um dos principais nomes no campo da saúde mental de crianças foi questionado, uma vez que inúmeras acusações vieram à público: desde a acusação de plágio no livro publicado no Brasil com o título de *A psicanálise dos contos de fada* a agressões contra alunos e funcionários da Escola Ortogênica de Chicago⁶⁴.

Considerações Finais

A preocupação crescente com a criança (seu desenvolvimento emocional e suas dificuldades no processo de aprendizagem) proporcionou no início do século XX o surgimento de uma literatura acadêmica que, ao dedicar atenção às crianças, impactou significativamente na vida das mulheres. Essas que desde meados do século XVIII eram responsabilizadas pelo bem-estar físico e pela educação de seus filhos, passaram também a ser consideradas figuras centrais na saúde emocional e mental das crianças.

Nesse processo, a culpa tornou-se um importante instrumento: não apenas de controle dos comportamentos maternos, mas também de regulamentação de seus pensamentos e sentimentos e criando o que algumas pesquisadoras denominaram de cultura da culpa⁶⁵. Assim, ainda que a culpa seja presente em várias esferas da vida e marque a experiência de inúmeros sujeitos influenciando na sua relação consigo e com os demais, é

⁶² LIMA, Rossano Cabral. A construção histórica do autismo (1943-1983). *Op. cit.*, p. 113.

⁶³ POLLAK, Richard. *Bruno Bettelheim ou la fabrication d'un mythe: une biographie*. *Op. cit.*; SOLOMON, Andrew. *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 (1018).

⁶⁴ POLLAK, Richard. *Bruno Bettelheim ou la fabrication d'un mythe: une biographie*. *Op. cit.*; SILVERMAN, Chloe. *From disorders of affect to mindblindness: framing the history of autism spectrum disorders*. *Op. cit.*; GRINKER, Roy Richard. *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. *Op. cit.*; DONVAN, John; ZUCKER, Caren. *Outra sintonia: a história do autismo*. *Op. cit.*

⁶⁵ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. *Op. cit.*; FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. *Op. cit.*; COLKER, Ruth. Disponível em: <http://moritzlaw.osu.edu/sites/colker2/files/2015/05/COLKER.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

importante salientarmos que tal instrumento possui marcas de gênero e articula-se com outros marcadores sociais, tais como classe, raça e deficiência.

No que diz respeito às mães de autistas, a percepção de que a saúde mental estava diretamente relacionada à qualidade dos vínculos estabelecidos nos primeiros anos de vida da criança colaborou para colocar tais mulheres no centro do debate, inserindo-as compulsoriamente na categoria das “mães más”. Defendemos que, para compreender o processo de culpabilização das mães de autistas, é fundamental entender que este surge enquanto objeto de estudo por parte do saber acadêmico num período de interesse pela criança e de desejo de regulamentação da maternidade.

Mulheres dedicadas ao cuidado de si, à formação intelectual e que desejavam dividir os deveres da maternidade com o trabalho remunerado fora do âmbito doméstico foram consideradas egoístas, uma vez que, ao dedicar-se a uma forma de realização para além do ser esposa e mãe, colocavam em risco a saúde mental de sua prole. Essa era a imagem pública das mães de autistas construída ao longo das décadas de 1940 a 1960, que pode ser resumida no popular rótulo de mãe-geladeira.

Defendemos que a culpa esteve presente desde a publicação e recepção de *Autistic disturbances of affective contact*, escrito por Leo Kanner, mas intensificou-se e ganhou maior notoriedade (principalmente entre o público leigo) com as teses de Bruno Bettelheim, destacadas em *A fortaleza vazia*, na década de 1960. Num contexto em que os movimentos feministas dos Estados Unidos e de partes da Europa Ocidental colocavam em questão outras possibilidades de “ser mulher”, as propostas do psicanalista soaram como positivas para uma sociedade que relutava em questionar e abandonar o mito da maternidade.

Ainda que Leo Kanner e Bruno Bettelheim tenham vivido no mesmo contexto e sejam importantes nomes da história do autismo (e da culpabilização das mães), há um último elemento que diferencia os dois autores: Kanner, desde o início, apresentou que o autismo era inato, além de, publicamente, pedir desculpas aos familiares de autistas; Bettelheim morreu afirmando a sua teoria.

A culpabilização das mães de autistas ainda é um fenômeno observado no presente, embora realizado com outras chaves interpretativas: não se diz que elas são “frias”, “pouco amorosas” e, portanto, as causadoras do autismo; mas critica-se a suposta facilidade na aceitação das terapias medicamentosas, na hipotética não aceitação da diferença dos filhos, e na imposição de que elas tenham que manter uma postura sempre “guerreira” apesar do cansaço e da ausência de apoio, tanto na esfera familiar quando por parte do Estado, por via de políticas públicas adequadas para atender e assistir a demanda de seus filhos por saúde e educação.

Compreendemos que seja fundamental articularmos autismo, maternidade e deficiência como um meio de entendermos uma determinada forma de “viver nas margens” longe dos discursos da maternidade idealizada.

Recebido em 21 de maio de 2021
Aceito em 09 de setembro de 2021